8.º DA 3.ª SERIE. N.º 32. 12 MAIO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remet a um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 366.)

347 BELGICA.

Esta pequena nação, que não mede maior superficie do que o nosso Alemtéjo e Beira, (14,459 milhas contra (7,740 e 6480) 14,220) com uma população de 4,242,600 almas, em quanto aquellas duas nossas provincias não têem mais de (264,111 × 1,067,120) 1,331,231, é talvez o paiz aonde, guardadas as proporções, se-tem desenvolvido maior somma de industria humana. O que é certo é, que só Liege per si fabríca mais armas que toda a França, e mais do que *Birmingham*. E no geral, de 17 partes em que *Heuschling*, segundo a estatistica official, divide todo o territorio belga, 15 estão aproveitadas, incluindo nas duas outras as estradas, caminhos, canaes, lagôas, etc., que tambem são de proveito.

Uma tão alta civilisação não podia deixar de influir na viação deste povo; por isso, depois da Inglaterra, na Belgica, é aonde ha melhores estradas, e aonde são mais bem conservadas, de toda a Europa. As reaes contam 1,475 milhas de comprimento, as provinciaes 475, das vicinaes ignoro o computo. Em 1831 o rendimento das barreiras foi de 2,390,882 francos, e em 1839, não obstante o estabelecimento dos caminhos de ferro, de 2,749,391 francos ou 439.902$560 réis, de maneira que veio aqui a confirmar-se o já provado acima, que é o augmento das communicações que faz o augmento do seu rendimento.

O custo das estradas na Belgica é de 9.600$000 réis por milha. O seu reparo e concerto entra no orçamento geral do Estado, aonde figuram em 1838 por 348.080$000 réis.

Passando aos canaes, tem aquelle reino 22, medindo 288 milhas de comprimento, importando em 1838 o seu costeio, e o de 602 milhas de rios navegaveis, a somma annual de 41.265$600 réis, carregados no orçamento do Estado. Existiam mais 9 em 1838 em construcção, cuja extensão era de 405 milhas, sendo um delles o d'entre Meuse e Moselle, maior do que o maximo da Inglaterra, e tambem do que o de Languedoc, que tem 140 milhas de comprido, ou 46 legoas, ou tanta distancia como de *Lisboa* ao *Porto* menos 6 legoas, e que o projectado na Belgica excede em mais 11 legoas, e por tanto ainda é mais comprido do que d'aqui ao *Porto*.

O rendimento dos canaes já em transito é de 116.897$440 reis.

A Belgica é igualmente a primeira nação na Europa que estabeleceu um systema completo de caminhos de ferro. No tempo em que escrevo estes apontamentos ella possue já 350 milhas d'elles, que lhe-tem custado 20.000.000$000 reis ou 57.142$857 reis por milha, ou pouco mais de uma terça parte do que elles custam em Inglaterra. O rendimento que o Governo belga retira delles é 5 ° sobre o capital, que poderia elevar ao dobro se o quizesse converter em uma especulação mercantil.

A exemplo do que tenho praticado com a Inglaterra e a França, na Belgica ha 0.71 milha de estrada por cada milha quadrada da sua superficie (Heuschling Stat. p. 259).

As vias aquaticas, tanto fluviaes, como artificiaes, executadas e por executar em 1838, não baixarão hoje talvez de 0.08 milha por cada milha quadrada.

Os caminhos de ferro, de 0.025 de milha por cada milha quadrada. A somma total da viação será 0.815, ou 4 milhas de viação por 5 milhas quadradas, ou ametade da que possue a Inglaterra.

Operando sobre a população, as quotas partes são as seguintes

Estradas communs (1475+475)	2175	almas por milha
Por agua.....	3276	d.º
Caminhos de ferro.....	12121	d.º
Termo medio geral	1,180	d.º

E por alma será, estrada,	0.0004	=	2 pés
agua,	0.0003	=	$1\frac{1}{2}$ «
Caminho de ferro,	0.0008	=	$\frac{2}{5}$ «
Termo medio geral	0.0008	=	4 «

Por esta reducção vê-se, que em communicações por agua os Belgas estão tres vezes mais dotados do que os Inglezes: têem mais estrada de ferro tambem do que elles, e no que lhes-são inferiores é em quantidade de estradas de pedra.

Transportes.

Passageiro em diligencia	28 rs.	por milha	
d.º caminho ferro	25 «	d.º	
Carga d.º	$\frac{9}{10}$	d.º	por arroba

Faltam-me os dados para poder ser mais extenso nesta parte da estatistica das communicações na Belgica; só poderei accrescentar, pelo Relatorio do Ministro Nothomb que a economia em tempo é de ametade, e em recovagem de um terço, pelos caminhos de ferro, para o que era pelas outras conducções anteriores a elles. O governo belga, sollícito nos *conchegos* das classes humildes, por isso que é illuminado, tem distribuido o beneficio da locomoção com mão muito mais larga a favor dos pobres do que dos abastados. As carruagens de 1.ª classe só gozam de 15º/º de rebaixa sobre as diligencias, em quanto as da 2.ª têem 30º/º e os wagons 60 por cento. As consequencias daqui provenientes são quasi incriveis, porque ao tempo que pelas berlindas viajavam 5,540 passageiros; diligencias 28,830; carros 121,104; pelos wagons, que é aonde se paga o minimo preço, viajaram 407,736 individuos (Heuschling p 273).

A circulação na Belgica já era grande antes da invenção dos caminhos de ferro, por que os estabelecimentos de diligencias subiam a 197, e os de recovagem a 481, chegando a 80,000 os individuos que se-moviam entre Anvers e Bruxellas por anno em diligencias, não contendo estas duas cidades mais de 180 mil almas e distando 23 milhas. Assim mesmo, isto é nada para o que foi depois. Os passageiros que eram de 200 por dia passaram a ser de 3000 no mesmo espaço de tempo, ou 1400 por cento mais, e as fazendas, 22,909 toneladas, tambem chegaram em 1839 a 274,808 dito. (Dupin Rel.º á Cam.ª dos Pares 1840). Estes factos são corroborados ainda por outra authoridade não menos respeitavel, que vem a ser o Relatorio sobre os caminhos de Irlanda, (Ed. Review, Abril 1839) em que se-demonstra que em consequencia da commodidade do preço para o povo, a população belga viaja nos seus caminhos 5 vezes, em quanto o povo inglez só viaja uma. *(Continuar-se-ha.)*

Claudio Adriano da Costa,

CRIAÇÃO DOS BICHOS DE SEDA.

348 Obriga-nos nossa palavra, e o valor da materia a entendermos outra vez neste objecto; e por tão util o-havemos nós, que não nos-pezará, antes folgaremos muito em o-repetir, e encarecer muitas vezes. Tem este jornal annunciado o meio de alcançar, com facilidade e fartura, o bom pasto para os bichos de seda, tributando ao Sr. *Salles* os merecidos louvores pelo zelo, e bom conselho, com que promove um artigo tão interessante, como este pode vir a ser em o nosso paiz. É a natureza do nosso terreno, e o tempero do nosso clima em tudo tão a favor desta industria, que com qualquer animação, que lhe-deram os que o-podem fazer, a-teriamos mui crescida e proveitosa em poucos annos. Conseguida a plantação das multicaules, e das amoreiras brancas, o mais não é trabalho, que moleste, e antes se-pode tomar por desenfado: nelle quizeramos nós ver entretidas muitas pessoas, que para outro de maior pezo ou ainda não têem, ou já perderam forças. Na *Caza Pia* de *Belem*, na *Misericordia*, no *Asylo da Mendicidade*, nos *Recolhimentos* se-poderia tractar sem despeza, nem incommodo, e em grande ponto, da criação dos bichos de seda; e nisso iria grandissimo proveito, tanto a esses estabelecimentos, como em geral á industria, que carece d'exemplos para ser desenvolvida e imitada. E pois que esperamos que á força de repetidas instancias, alguem irá tentando a experiencia; assentámos que deveramos ajudar e facilitar o resultado, expondo o methodo, com que elle se-consegue mais avantajado. — Não approvamos a escolha, que se-costuma fazer, dos casulos pequenos para semente; antes aconselhamos, que se-reservem os melhores, e mais atochados, e que haja em os-escolher o bom acerto de tomar um numero igual de machos e femeas, e de os-conservar separados até que vão saindo as borboletas, para que se-possam juntar em casaes, afim de não ser interrompida confusamente a geração: o signal que os-differença não está somente no tamanho, posto que ordinariamente sejam maiores os machos; mas particularmente em um vinco, que nestes se-nota, como se-foram cingidos pelo meio. Não convem demorar os casaes mais de doze horas; porque logo começa o desovamento, e é mister deixar a femea só sobre um papel, ou panno onde os ovos vão ficando pegados, e ahi se-devem conservar até Janeiro, guardando-os em logar, que não seja nem quente nem humido em demasia. Como chegar este mez, é coisa muito proveitosa ensopar os pannos em agua, e despegar delles os ovos por modo, que não sejam offendidos, e laval-os duas ou tres vezes, estendendo depois em taboas para enxugarem ao ar unicamente os que assentam no fundo do vaso; por que os mais leves, que vem acima da agua, não geram, e são inuteis. Esta operação facilíta muito o desenvolvimento dos bichos, limpando os ovos d'uma especie de gomma, que os-cobre, e engrossa tanto, que muitas vezes, não os-podendo romper, morrem dentro os insectos. Tornam-se a guardar, como forem bem enxutos, até Março: e então começa o cuidado da criação devendo ser o primeiro ácerca do melhor alimento, que deve estar prestes com antecipação para ir logo acudindo com elle aos que vem saindo a lume: deve este alimento ser o mais tenro, e dos gomos mais mimosos das multicaules; porque assim se-economisam as folhas das amoreiras, deixando-as crescer, e os bichos se-acostumam de principio áquelle pasto. Importa muito tel-os separados segundo as idades; não só porque os pequenos não sejam magoados pelos maiores; mas porque já se-vê dever ser differente o tratamento, e haver nisso muita utilidade. — É coisa muito certa, que o tamanho, e ainda mesmo a boa qualidade do cazulo respondem ao tamanho, e vigor do bicho: cabe pois conhecer o modo de o-fazer demorar neste estado de lagarta, quanto seja possivel; pois que mais cresce, e mais substancia vai cobrando: o meio, porque se isto consegue, está no regimento da comida, que deve ser ministrada com tal regra, que possa o bicho descançar outro tanto tempo, quanto nella se-demorou, não mettendo nesta conta os intervalos da *muda*, durante os quaes não se-lhe-dá alimento nenhum, nem se-toca nos taboleiros, que convem estarem limpos nesta occasião; e outra razão é esta para se-observar o que levamos dito, a respeito da separação segundo as idades. Tres ou quatro vezes ao dia se-deve dar a folha, regrando-a como dissemos, e pondo todo o cuidado em que seja sã, viçosa, e enxuta. — Os mais proprios taboleiros, que conhecemos, são os de canna, e se-fazem com toda a facilidade e economia; limpam-se e maneiam-se com maior commodidade, duram muitos an-

nos, e são bem arejados, no que preferem a todos os outros. — Quando se-chega o tempo da formação do casulo, o que se-conhece pelo desenvolvimento dos bichos, e pela voracidade, com que comem por cinco ou seis dias aturados, (nos quaes não lhes-deve faltar nunca a folha mais substancial) estendem-se uns ramos de giesta, de louro, ou de urze, bem seccos, sobre os taboleiros, para que ahi possam prender, e ageitar os casulos. Escolhem-se destes os que devem ficar para semente; e os mais se-põem ao sol, ou se-mettem em forno mal quente; e muitos costumam expol-os em joeiras ao vapor d'agua fervendo, limpando-os d'uma especie de têa que os-cobre, a que dão o nome de *baba*, ou *borras de seda*. Notaremos por fim, que este é o melhor methodo para aperfeiçoar esta industria: mas que tanto as recommendações de maior desvelo, que aqui fazemos, como o que podéramos dizer ácerca da temperatura e purificação do ar nos logares onde se-fizer a criação, são coisas que a natureza do nosso clima muitas vezes as-está dispensando; pois por ahi se-fazem algumas criações tão descuidadamente, que andam os bichos pelo chão, e não ha mais cuidados que no pasto: e muitos vemos nós serem criados pelas ruas em canistreis por mãos de moços, e expostos a toda a intemperança dos dias humidos, e chuvosos. E poderá dar-se maior prova do incalculavel proveito, que nos-daria este ramo, se nos-chegasse o desengano de olharmos por nossa caza? Hoje ainda compramos na Italia o refugo, que lá deixam os inglezes, e por maior preço, que o da melhor seda, que elles escolhem, e levam. Caro nos-sae o descuido! *F. M. P. Silva Negrão.*

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

349 Recebemos uma longa carta do Sr. *José de Freitas Amorim Barbosa*, *de Santarem*, ácerca d'este importante assumpto, e não podendo transcreve-la inteiramente, aqui a-daremos em extracto.

Sobre materia tão vital para portuguezes, consultámos pessoa eminentemente idónea, o Sr. *Visconde de Villarinho*, o qual se-dignou redigir uma extensa e sabia memoria, cuja publicação promettemos:

Tocou-me a cultura d'olivaes muito velhos, muito encharnecados, muito perdidos, e n'um solo bastante ingrato. — Rossei e limpei a terra de todo o mato, porque entendi que o mato diminuia a vegetação ás oliveiras: lavrei essa terra de charrúa aberta para a-tornar mais permeavel, e susceptivel de receber, e de transmittir ás arvores os sucos atmosfericos: arreei a mais de meio as oliveiras, limpando-lhes os troncos, e braços de todas as borbulhas, de todos os arrebentões, musgo, e lenha velha: seguiu-se um anno sêco ao em que isto fazia, e então encaldeei as arvores para que a chuva d'inverno ahi ficasse toda; e fi-lo assim porque a observação já me-tinha feito ver que a oliveira é das arvores quentes do paiz talvez a mais quente.

D'este simples emprego de trabalhos, e diligencias colhi bom proveito ao segundo anno (1836): os meus olivaes que d'antes não fructificavam, muito tempo havia, vestiram-se de roupas novas, e elegantes, e carregaram d'azeitonas. O varejo mandei-o fazer por um methodo novo, ripando, e não batendo, com pequenas varas (que tambem com ellas se-pode isso fazer sabendo-se) e as oliveiras continuaram successivamente a fructificar, e eu a tractar de seu alimpo, e cultura.

Um mal bem velho no paiz veio porém accometter as oliveiras em 1839; a *ferrugem*; vi desta geral epidemia isentas as arvores dos montes, e das charnecas.

Tinha eu notado que a ferrugem começara pelos olivaes mais bastos, e de sitios abrigados; e que quando as oliveiras floreciam suavam suor viscoso similhante a agua russa. Tinham precedido invernos sêcos, e persuadi-me que a ferrugem se-engendra pelos mesmos principios porque se-engendram, e desenvolvem as grandes epidemias nos lugares onde se-accumula muita gente, e por muito tempo. Calculando a distancia, e espaço necessario á inspiração, e expiração livre de uma arvore tal, como a oliveira, a que nunca a folha cahe, entendí que todas as que tinha estavam demasiadamente proximas umas das outras, pelo que careciam de succos atmosfericos na proporção dada para a vida, e para a fructificação. Comecei logo de as-desbastar, arrancando-as, deixando-lhes de intervalo trinta passos; e com este ensaio, e mais algum alimpo a podão vi parar a ferrugem, e inteiramente desapparecer de minhas oliveiras no principio do inverno de 1840.

Será pois a ferrugem molestia que se-engendre por corrupção do ar atmosferico de que as oliveiras se-alimentam?..

Ou provirá da falta de succos atmosfericos em relação ás arvores, que precisam de uma maior quantidade desses succos?

E qual é o meio de evitar este mal, dada uma destas causas?

E como se-ha-de curar, quando elle se-tenha estabelecido, e desenvolvido?

A discussão, e solução destas theses deve occupar todas as attenções dos nossos sabios, e das nossas Academias; por ser a ferrugem um mal damninho, que priva a sociedade de um dos mais preciosos fructos que a terra lhe-ministra para a saude, para a doença, para a vida, e para a morte. N'esta discussão é essencialissimo attender, pesar, e conhecer bem os argumentos d'excepção com que muita gente tem até hoje procurado estabelecer o mal em uma origem desconhecida, e por ventura extravagante.

A muitos desses temos nós ouvido que se a ferrugem se-originasse da falta de succos, e corrupção atmosferica, primeiro se-enferrujariam as oliveiras de pouzio e charneca, a que nenhum tractamento se dá. Respondemos a estes — que essas oliveiras não padecem primeiro o mal pelas seguintes rasões — 1.ª — porque não vivem vida tão activa, e regalada, e raro, e pouco renovam, e fructificam — 2.ª — porque tendo o solo mais compacto por falta de cava, ou lavoura, conservam a humidade nas raizes por mais tempo; — 3.ª — porque esse solo a poucos outros filhos alimenta; e essa atmosfera não tem de repartir-se pelos cereaes que ordinariamente se-cultivam nos olivaes etc.

Outros perguntam a rasão porque não são tão depressa, e tanto afectadas as oliveiras das estradas, e das encostas? É talvez porque as das Estradas gosam além das vantagens das de terrenos incultos, da grandissima de disfructar a terra calcinada pelo pizo continuado de homens, e animaes: e que as d'encostas vivendo uma vida mais inerte porque se-renovam pou-

co e pouco fructificam, recebem o ar mais purificado pela exposição, e pelos ventos etc.

Não tem finalmente faltado quem tenha querido affirmar — que a ferrugem se-gera de certo insecto que nasce nas oliveiras: e da pocira e agua que se-accumula, e permanece em suas folhas, troncos, e lugares proprios — Esse bicho é effeito, e não causa da ferrugem: e a pocira e agua, em vez de originar a ferrugem, seriam talvez remedio para cura-la etc. etc.

Não permitte o lugar espraiar-me. Aos sabios Redactores da Revista Universal Lisbonense dirijo estas poucas, e apressadamente escriptas linhas, empenhando-os em nome da Humanidade a que entrem na discussão das theses que ahi lhes-apresento, e para a qual concorrerei com todo o meu pouco cabedal.

Santarem 12 de Abril 1842.

José de Freitas Amorim Barbosa.

LEMBRANÇA DO SR. FRAZÃO.

350 O Sr. *J. L. A. Frazão* nos-escreve, communicando que a empreza britannica de uma linha telegraphica até á India lhe-fizera nascer a idéa de uma similhante linha entre as nossas Africas Oriental e Occidental, estabelecendo presidios nos pontos telegraphicos, linha que deveria continuar para o Norte, de accordo com os respectivos Governos, até Marrocos, d'onde se-communicaria com o Algarve, e d'alli com Lisboa. Aquelle Sr. diz ter já ha 7 annos proposto este projecto ao Sr. *Domingos Saldanha.*

GAZ LUCÍFERO.

351 Por satisfazer ás perguntas que todos os dias nos-dirigem os desejosos de usar do *gaz lucífero*, de que viram menção neste Jornal, podemos declarar que a pertenção de seu introductor e aperfeiçoador, o Sr. *Barreto*, para obter o privilegio, percorre os tramites legaes, e actualmente está sendo ouvido o Procurador Geral da Corôa. O resultado não é duvidoso, nem deve tardar, que assim é elle junto e de notoria vantagem. Á concessão do privilegio seguir-se-ha logo a venda publica do genero.

INTOLERAVEL ABUSO DO DIREITO DE PROPRIEDADE.

352 É muito antiga a grande fama da fertilidade do nosso paiz; e parecerá por ventura exagerada aquem hoje houver de comparar o seu estado, e o seu tamanho com o que de suas producções, e commercio nos-deixaram escrito os historiadores d'outro tempo: na verdade é incrivel o que nas descripções, e historias de Portugal se-diz sair deste pequeno canto da Europa para todas as nações, tanto dos fructos da terra, como das pescarias de seus mares e rios; das manufacturas, e das riquissimas drogas, de cuja maior parte apenas nos-resta a noticia: porém é ainda mais incrivel, que este mesmo paiz, sem grande desconcerto da natureza, senão dos homens, chegasse por muitos annos a sustentar-se com o pão alheio; e que muitas familias ahi se-finassem de fome. Mas, graças a Deos, já lá vai essa triste epocha! melhorada ao menos nesta parte é a em que vivemos! — Dá-nos a terra, e só a terra o de que nos-sustentamos; e já começamos a levar para fóra, o que nos ella dá de sobrado. Se os que nos-governam continuarem a favorecer a classe agricola (já não fallamos em sociedades que a-animem): se lhe-assegurarem os seus interesses, que são os de todos; se mesmo obrigarem os donos das grandes herdades mal cultivadas, dos morgados, e dos baldios a os-cultivarem por si, ou por outros, com justas condições; grande fartura nos-está para vir! e só ella nos-poderá valer nos apertos, em que laboramos. E não é um escandaloso abuso do direito de propriedade, que as leis devem condemnar, o que vai por muitas partes em todas as provincias do Reino com as quintas, e grandissimos terrenos, que por ahi ficam sem cultura? Por certo que tal abuso brada ao ceo, e é um crime, que nenhuma nação deve tolerar: e mais escandaloso ainda é para nós, e para os nossos dias; em que estamos vendo crescer tanto a agricultura; e com tão boas esperanças prosperar em muitos logares sáfaros e agrestes, por cima, e nas fraldas de serras aonde ninguem julgava possivel levar-se arado! De muitos destes desperdicios temos nós largas noticias; e em quanto não os-apontamos nomeadamente, basta-nos tocar de leve na materia, para satisfazermos aos nossos zelosos correspondentes, e movermos por-ventura os que podem remediar taes abusos. Na freguezia d'*Alte*, no *Algarve*, nos-dizem existir um bello terreno inculto, que levará vinte moios de semeadura; e por mais que tenham apertado com o dono, não se-resolve, nem a manda-lo cultivar, nem a vir a um contracto razoavel com algum lavrador, que o-tome por sua conta. Quem poderá dar-nos explicação de tamanha renitencia? Muito se-podia fazer neste importantissimo ramo: nem é materia que precise ser estudada: se imitarmos o que se-pratíca em outros paizes, teremos tudo feito, e veremos desenvolver-se a nossa agricultura, desafrontada de similhantes caprichos. Na *Sardenha* (não citaremos outros exemplos) é este objecto tratado, não como de mera especulação, e de curiosidade particular; mas como o de maior necessidade, e interesse público. O governo ahi tem organisado o *Censurato Geral*, as *Juntas locaes*, os *Communs*, os *bancos ruraes*, ou *montes de soccorro*, tanto de generos, como de dinheiro; e sem embargo de lhes-haver commettido o cuidado geral de toda agricultura do paiz, lhes-recommenda, quando o caso o-pede, quaesquer novas providencias, decretando a sua prompta execução. Sirva de prova o Decreto de 22 de Novembro passado, posto em vigor desde o começo do presente anno. = « Carlos Alberto, por graça de Deos, Rei de Sardenha.... Com o fim de cada vez mais animar a « agricultura, que d'alguns annos a esta parte tem « adquirido notavel augmento neste Reino; e de proteger a sementeira do milho da Turquia, batatas, « e d'outros productos ainda pouco conhecidos pelos « agricultores sardos.... Mandamos em virtude do « presente.... que os Bancos de soccorro, assim de « generos, como de dinheiro, onde haja fundos, que « tenham sobejado das necessidades ordinarias da agricultura.... sejam obrigados, os primeiros a prover-se (empregando o excedente dos generos) das « sementes do milho da Turquia, batatas, e outros « fructos, que lhes-serão indicados pelo *Censurato Geral*, para que as-possam distribuir pelos agricultores: e os segundos a fazer emprestimos de dinheiro « aos lavradores, que se-dedicarem a esta cultura.... « observando-se em um e outro caso as disposições « do Decreto de 30 de Setembro de 1821. » = Determina mais este Decreto, que os *Communs* dividam pe-

los lavradores alguma parte das terras de restolho *(paberili)* que por elles seja requerida ás Juntas locaes para a sementeira dos referidos generos. . . . Se por cá houvesse alguma sombra destas providencias, não haveria quem assim abusasse do seu direito de propriedade. *F. M. P. Silva Negrão.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MARTYRES DE LISBOA.

353 *Maio* 13 *de* 1147.

onde hoje está erguida a mais rica e bem dotada Igreja Parochial d'esta Côrte — a de N. S. dos Martyres — cercada de soberbissimos edificios e casarias, no coração d'esta grande cidade — era ha 700 annos — um Cemiterio! Era *os Prazeres* — d'aquelle tempo: e em tanta conformidade, que ahi se-via uma pobre Ermida, riquissima pela milagrosa Imagem da Senhora que encerrava; erecta n'um êrmo todo cravado de cruzes, como se hoje vê, o em que jazem — *os pobres, ou esquecidos pelos seus* — no Cemiterio dos Prazeres. E todavia era aquelle um Cemiterio de campanha.

Estava ainda esta *joia* tão cobiçada — tão invejada — e tão abocanhada da Europa — *Lisboa* — no poder d'aquelles filhos de *Mafoma* que tanto nos-custaram a sacudir d'estes Reinos; quando o nosso primeiro Rei D. *Affonso*, que tinha já limpado a Provincia do Além-Téjo e grão parte da Extremadura, d'aquella raça descrente — a-accommetteu. Ajudou-se para tão formidavel assalto, dos *Cruzados* que acaso surgiram no Téjo. Disposto o cêrco, assentaram o arraial, e estabeleceram Cemiterio para os que n'elle perecessem n'essas paragens, que por então eram arrabaldes da *Lisboa* moura. E desde a dedicação — a 13 de Maio — até 25 de Outubro — que a cidade caíu em nosso poder, alli foi a jazida dos que no assedio morreram martyres da Patria, que foram muitissimos, e todos de Christo. Como taes os-conta o Martyrologio Lusitano, e foram acatadas suas reliquias até hoje. D'elles se-deu nome ao Templo que depois se-lhes-levantou, e que tendo passado por tres reformas, é um dos magnificos que tem *Lisboa*.

Eis-aqui um grande documento, de como nossos christianissimos Avós faziam perduravel o galardão dos serviços feitos ao Rei e á Patria.

A todos os que menos instruidos forem em tão grande successo da infancia d'esta Monarchia, pedimos nós a leitura do 5.º *Quadro Historico de Portugal* — em cujo riquissimo texto e copiosissimas notas acharão cabalmente, tudo que por nossas e alhêas Chronicas ha sobre o assumpto. E se é possivel que haja alguem portuguez, que haja mister de lhe-aguçarmos o desejo de tal lição — ahi vai o derradeiro paragrafo do referido Quadro, com que grandemente nos-honramos e comprazemos de coroar esta commemoração.

«Leitor, se alguma vez passares em 13 de Maio, por diante dos Martyres, ou em 25 de Outubro pelo terreiro da Sé, e ouvires lá dentro as toadas dos orgãos e canticos, e vires logo pelas portas patentes ir saíndo uma cruz, brandões, sobrepellizes, dalmaticas, rezas, incensos; abstem-te do sorriso da moda, descobre nobremente a fronte portugueza, lembre-te que são acções de graças pelo principio e fim do assedio; que desde o anno 1147 se-têem sem interrupção até ao presente renovado. Se impellido de um pensamento antigo, acompanhares tambem essas procissões ao recolher, nos Martyres mostrar-te-hão ainda as reliquias dos soldados santos; na Igreja Matriz, ao passar pelo vestibulo, saúda a pedra veneranda que te-falla do lado direito.» *A. J. da Sylva Tullio.*

Cumpre-nos agradecer humilde e cordealmente as felicitações que nos têem sido enviadas, pela maneira com que nos-expressámos ácerca da leitura da *Biblia* e contra os máus livros de que estamos inçados — no artigo 329 do n.º passado. E porque especialmente o muito Reverendo e Doutissimo Sr. P. *Ilsley* se-dignou honrar-nos com observações tão chêas de saber e auctoridade, — brevemente daremos prova de quanto respeitâmos os seus conselhos.

Antonio Joaquim da Sylva Tullio.

THEATRO DE J. B. DE ALMEIDA GARRETT.

354 Da officina de Morando acaba de saír o suspirado terceiro volume das obras completas do Sr. *Garrett*, segundo do seu Theatro: contém *Merope*, tragedia em cinco actos e em verso precedida de um prologo: e um *Auto de Gil Vicente*, drama em prosa, e em tres actos, com um prologo do auctor, um prefacio dos editores, e dois artigos ácerca do mesmo drama extrahidos do *Diario do Governo, e da Chronica litteraria de Coimbra*.

Sobre o *Auto de Gil Vicente* confirmamos quantos sinceros elogios em o nosso artigo 137 do *segundo volume* lhe-haviamos dado, concordes com todos os letrados, e não letrados que o viram em scena. É peça que ha-de viver em quanto durar Cintra, e a Memoria de *Gil Vicente*, de *Bernardim Ribeiro*, e de D. *Manuel*, ou pelo menos em quanto persistir um vestigio de litteratura e lingua portugueza. Porém a *Merope*, fructo de annos ainda mui verdes, temol-a por inferior a quanto do Sr. *Garrett* havemos lido. Entre a numerosa familia das *Meropes*, é esta em nosso entender uma das menos bellas: — pequena acção — caracteres imperfeitamente desenhados e pouco verdadeiros — posições e lances inquestionavelmente falsos — pouco escrupulo no estudo dos costumes gregos — estylo desacurado — versificação fria e prosaica. — Não mereceriamos nós louvar tantos outros escriptos admiraveis do Sr. *Garrett* se fossemos capazes de o-lisongear; e intimamente estamos convencidos de que o seu juizo a este respeito não discordará muito do nosso. Não foi aqui empenho seu provar-nos que nascêra logo poeta maximo, porém mostrar, afim de dar brios e esforço a principiantes, que tambem elle principiára engatinhando, e que de mui baixo, com perseverança e estudo, em o talento não fallecendo, se-póde arribar ás maiores alturas: encarada d'este modo a *Merope* é ainda um opusculo valioso, e não inutil para se-completar o capitulo brilhante que ao nosso poeta se-reserva na historia litteraria.

Dos dois prologos do auctor nada diremos; — leam-n'os, que são ambos elles modêlos bem perfeitos de muitos e mui diversos generos de escrever.

Antonio Feliciano de Castilho.

DESCRIPÇÃO DAS MAQUINAS A VAPOR E SUA APPLICAÇÃO Á NAVEGAÇÃO PARA USO DOS ALUMNOS DA MARINHA POR J. J. M. C., PRIMEIRO TENENTE DA ARMADA, MEMBRO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO, E GEOGRAFICO BRAZILEIRO.

355 Não é por nos-julgarmos competentes juizes na materia, sobre que versa esta obra; mas para darmos mais publica noticia do juizo, que de seu merecimento fazem os que por todos os titulos o são, que entendemos ser nosso dever annuncia-la n'este Jornal, sempre desejoso de taes producções, com que vai subindo o credito de nossas letras.

Offereceu-a seu author á Associação Maritima e Colonial de Lisboa: e já daqui se-vê que teria esta obra de passar por grandes provas, como é pratica sempre seguida em taes sociedades, que nada decidem sem que seja escrupulosamente examinado, ventilado, e discutido: e se de mãos tão apertadas, que em taes pontos fiam sempre mui delgado; e de olhos tão de lince, que tudo alcançam, saíu ella não só tão inteira como viera do seu author, mas ainda laureada de louvores, e elogios em vez de notas, e emendas; por certo grande é o seu merecimento; e para nós passou elle já em julgado. Encostados pois á sentença tão direita, e imparcial, como deve ser a de uma sociedade tão opulenta de talentos, e zelosa de sua reputação; e movidos ainda por nossa propria consciencia não diremos sómente — que o author mui versado na pratica e theoria deste ramo das sciencias physico-mathematicas, desempenhou com acerto o fim proposto; e que a leitura da sua Memoria será de grande utilidade aos alumnos, que desejarem conhecer a construcção desta maravilhosa maquina, e portanto o author digno de merecidos elogios — mas accrescentaremos ainda, que com esta obra acudiu o author á necessidade, em que por ventura estariam os alumnos de Marinha de mendigar por escritos estrangeiros os conhecimentos, que aqui lhes-offerece com claresa, e desembaraçados das difficuldades, que poderiam encontrar n'aquelles escritos; por serem mais diffusos: e se de julgar o merecimento desta obra de incompetentes nos-escusámos; tambem nos-accusamos de suspeitos em tributar louvores a seu author, que com merece-los elle tanto não nos-prende a affeição, que nos-tornaria escaços, de receiode parecermos obzequiosos.

N.

CORRIDA DE TOUROS.

356 Os dictos efeitos memoraveis do Sr. D. Pedro IV pediam só per si um *Valerio Maximo*, — e lástima é, que alguma habil penna os não vá colligindo em quanto o tempo os não consome ou altera, como em taes cousas o-costuma. De um seu dicto, que tanto lhe-honra o juizo como o coração, faremos nós lembrança pela julgarmos proveitosa na actual conjunctura. Convidou-o certo lavrador, proprietario rico do Ribatéjo, e dono de grandes manadas para assistir em *Villa Franca* a uma *corrida* de novilhos, que se-preparava apparatosa. — Meu amigo, lhe-respondeu o principe philosopho e humano, «convide-me para ir vêr «os seus novilhos lavrar as suas terras, e esteja certo «de que lhe não hei-de lá faltar como agora faço.» — O lavrador, farpeado ao vivo por tão destra mão, nunca mais voltou ao ataque.

NOTICIAS.

357 AUSTRIA.

A rainha de Hespanha segundo se diz na alta sociedade, casará com principe da casa de Baviera; projecto que parecia ter o consenso da Prussia, Russia, e Inglaterra.

TURQUIA.

358 Temia-se que a guerra rebentasse entre a Porta e o Shah da Persia por causa de demarcação de territorio.

PRUSSIA.

359 A Academia das Sciencies admittiu em seu seio um sabio israelita por proposição de M. de Humboldt. Nobre exemplo de tolerancia.

HOLLANDA.

360 O Grão ducado do Luxemburgo acaba de adherir ao systema das alfandegas da Allemanha. Havia isto influido muito no gabinete da Tulheria.

INGLATERRA.

361 Eram assumpto geral dos jornaes as noticias vindas da India; haverem os Affghans sitiado Jellalabad; o imperador dos Birmans declarado a guerra á Inglaterra; engenheiros russos e allemães dirigirem o exercito chinez, e uma derrota total de 5000 mil inglezes na India. Tambem se teme rompimento com os Estados-Unidos.

FRANÇA.

362 Os animos acham-se todos occupados nas eleições; e presume-se que os legitimistas poderão levar á Camara, uns sessenta dos seus; se se-der este caso a opposição dinastica se unirá ao governo para resistir aos republicanos, napoleonistas, e legitimistas.

Havia fallecido o ministro da fazenda Mr. Humann que foi substituido por Mr. Lacave Laplagne. Tinha-se enviado para a Algeria uma esquadra com grandes reforços para perseguir a Abdel-Kader ainda no territorio marroquino.

HESPANHA.

363 Os jornaes discursam sobre as desordens occorridas em Barcelona; porém pelo ultimo correio vê-se, que similhante acontecimento não passou de uma effervescencia de poucos, e no theatro.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

364 *Diario do Governo de 5 de Maio.* — Uma amnistia militar.

De 7 de Maio. — Providencias relativas á circulação legal de dinheiro estrangeiro na Madeira (reimpressas e corrigidas no Diario de 9.) — Permitte-se na

Madeira a importação do arroz da Asia para consumo, vindo indirectamente de qual quer parte, e sob qual quer bandeira, pagando os direitos da pauta e os differenciaes. (Na parte não official, projecto de lei para extensão do commercio dos vinhos do Douro.

De 10 de Maio. — Os Facultativos militares usarão de banda.

De 11 de Maio. — Os Grão-Cruzes, Commendadodores, Officiaes e Cavalleiros das diversas Ordens accompanharão a procissão de Corpus-Cristi.

SOBRE A APREGOADA EPIDEMÍA NA BEIRA-ALTA.

365 No precedente número transcrevemos da *Revolução de Setembro* uma notícia que tem feito sensação na capital; muito folgamos porém de vêr que, segundo todas as probabilidades, andou grande exaggeração nas communicações recebidas pelos nossos collegas. A seguinte carta do Sr. Vice-Presidente do Conselho de Saude Pública do Reino, não é só uma prova da honrosa benevolencia que lhe-devemos, mas tambem de quanto aquelle respeitavel corpo toma a peito tudo o que se-refere aos importantes assumptos que a lei lhe-commette.

Vi annunciada na *Revista Universal Lisbonense* de hoje, em referencia á *Revolução de Setembro*, a existencia d'uma epidemía em *Cima-Côa*, parte da Provincia da Beira-Alta, e limitrofe de Hespanha; deve ella ser notavel em attenção á mortalidade que se-diz ter tido logar na pequena cidade de *Pinhel*.

Posso asseverar a V. que o *Conselho de Saude Pública* ignora até hoje officialmente a existencia dessa epidemía; d'onde concluo, que serão talvez mui exaggeradas taes notícias, como na verdade foram as que se-deram por occasião da epidemía do *Barreiro*, que hoje se-póde reputar extincta.

A lei ordena mui cathegoricamente (Decreto de 3 de Janeiro de 1837 artigo 31) — que no caso d'epidemías, sejam ou não contagiosas, os facultativos territoriaes darão immediatamente parte aos Delegados, e estes ao Conselho de Saude, para se-prover de prompto, como o caso exigir. — O Delegado no Districto da Guarda desempenha dignamente as suas funcções, os facultativos territoriaes porém mui raros cumpram o que a lei ordena, no que toca aos differentes assumptos relativos á Saude Pública. Eis o que sei a tal respeito, as ordens foram immediatamente expedidas; do que se-souber darei notícia a V.

Permitta-me V. que eu lhe-diga por esta occasião, que o regulamento que faz parte do Decreto de 3 de Janeiro de 1837, e que organisou a repartição de Saude Pública em Portugal, como nunca o-estivera, foi optimamente concebido, mas que apezar de se esperarem d'elle os melhores resultados, a violenta e forçada introducção dos Administradores territoriaes para subdelegados do Conselho de Saude Pública, entorpeceu, e até quasi paralisou todos os beneficios, que se-deveriam colher de tão brilhante e util Instituição. Que farão homens leigos, e estranhos a todos os ramos da arte de curar, em assumptos da competencia da Hygiene Pública? . . . . . Faltam-lhes os conhecimentos e falta-lhes até a vontade de dar cumprimento á lei. Quantas vezes se-tem levado estas verdades á presença do Governo, e das Côrtes? Entretanto um máu fado nos-persegue em quasi todos os assumptos da competencia do Conselho de Saude Pública do Reino, em cujos Annaes se-tem clamado, alto e bom som, sobre todos estes objectos.

Aproveito tambem esta occasião para, etc.

Lisboa aos 5 de Maio 1842.

Francisco Ignacio dos Santos Cruz.

THEATRO NACIONAL E NORMAL DA RUA DOS CONDES.

366 Domingo 8 assistimos em fim, pela primeira vez, á *façanhosa comedia* das *Primeiras Proezas de Richilieu*. Não conheciamos o original francez d'esta peça, e apezar do muito, que pessoas de credito contra ella nos-haviam dito — apezar de sabermos que as censuras do *Conservatorio* a-tinham reprovado; e que a licença para a representação se não conseguíra senão tarde, e um pouco por fóra das vias ordinarias — (*) não imaginavamos com tudo que podesse ella ser tal como a-achámos em realidade. Não fazemos exposição, nem do seu enredo, aliàs bem traçado, e engenhoso, nem de suas sentenças moraes, gracejos, e finuras; — essa relação por mais que a nós disfarçassemos com tresdobrados véos, nunca seria possivel presental-a em um papel, que póde ir parar a muitas mãos honestas.

Crêmos firmemente que a *Inspecção Geral dos Theatros e Espectaculos do Reino*, magistratura litteraria, e moral de summa importancia, dará providencias para que tal escandalo, que ainda em casas professas de devassidão o-seria, para sempre se-desterre de um theatro que se-obrigou a ser *normal*; e como *normal* recebe da Nação, talvez muito mais, do que ella póde despender. Ácerca da prostituição respeitaveis philosophos têem escripto — que é esse um mal que os estados devem tolerar: — mas nenhum philosopho ainda se atreveu a dizer — que devam os estados pagar uma eschola pública de prostituição. — Chamamos para este ponto, que é gravissimo, toda a attenção das *auctoridades, da imprensa, e do governo*. Não temos nós a respeito dos espectaculos scenicos tão austera opinião como o rigido moralista *Felice*: conhecemos o seculo, em que vivemos; e obrigados a condescender

---

(*) Sabemos que o drama estava nas mãos de um censor para ser licenciado, quando baixaram approvados por S. M. os novos estatutos que regulam, que só depois do voto de tres censores possa qualquer peça ser licenciada. A Inspecção dos Theatros, não só por julgar dever subordinar ás disposições dos novos estatutos todos os negocios pendentes, mas porque estava informada das immundices do Drama, enviou-o a uma commissão de que foi parte o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Esta commissão — bem haja — desapprovou decididamente o Drama; e a Inspecção declarou que não dava licença para tal representação. — Constando isto ao emprezario, foi com as suas muitas relações atravessar-se na Secretaria do Reino, d'onde resultou baixar uma Portaria fulminando o empregado, que servia de Inspector. — Por outro lado o emprezario declarou que não poria em scena uma peça original portugueza se lhe não deixassem representar o seu Richelieu.

Não sabemos porque meios a peça appareceu a primeira vez em scena e na quaresma, o que foi causa de se despedir do Conservatorio o honrado Sr. Visconde de Villarinho. Dizem-nos que o actual Inspector, julgando não poder domar senão ás boas o emprezario — se-decidira a ir ter com elle pedindo-lhe que retirasse a peça; e ponderando-lhe que se lembrasse ao menos de que era quaresma, etc.

A peça retirou-se; e julgava-se que não voltaria: porém foi resuscitada Sabbado no beneficio da Sr.ª Emilia: voltou no Domingo, e grandes enchentes lhe-dará a ociosidade immoral de uma boa porção do *público*, se continua.

algum tanto com os vicios incuraveis confessamos com o philosopho de Genebra, — que taes espectaculos em cidades corrompidas são necessarios: — entretanto não é menos necessario sujeital-os ás regras geraes e invariaveis dos costumes; prohibir-lhes inexoravelmente o que na sua liberdade, já de si arriscada, se-quizer enxertar de licença; em summa fazer com que ahi se não vá vêr e ouvir com a maxima publicidade o que nenhum pae de familias sisudo consentiria que no secreto de sua casa se-praticasse, ou se-dissesse: — isto basta e sobra para os partidarios dos bons principios; mas aos sectarios apaixonados e absolutos do theatro, aos que, ou por sua idade ainda verde, ou por não ligados, ou por só ligados imperfeitamente com os vinculos naturaes da familia, ou por já pervertidos como falsas theorias philosophicas, defendem o theatro de qualquer modo, que lh'o dêem, a esses dizemos, — que, se os naturaes tutores da pública moralidade continuarem de consentir em torpezas d'este genero, o theatro, em vez de caminhar para a perfeição, continuará a pender cada vez mais para uma total ruina. A infamia que todos os povos, todos os seculos, e todas as religiões gravaram sempre nas frontes dos comediantes, a ninguem poderá parecer uma preoccupação, quando, em vez de louvaveis exemplos e doutrinas, elles forem, como n'esta peça, os oradores, mestres e exemplares das mais ignobeis e immundas obscenidades. — Tende no vosso archivo de empreza dois ou tres d'estes manuscriptos e procurai d'entre cem mil donzellas de meia educação e de meia honestidade, d'entre quatrocentos mil homens que não sejam das galés, nem dos pinhaes d'Azambuja, uma ou um, que se lhes-propuzerdes de os-escripturar pela mais avultada somma, vos não rasgue na cara a infame escriptura, e vos não feche a porta para sempre; e então, clamando contra o fanatismo, forçados a pescar, d'entre o lodo dos bairros mais infectos, dez ou doze vadios de ambos os sexos, dareis admiraveis representações, cujos cartazes não os deixará a *policia* affixar senão em certos arruamentos. — Temos cumprido o nosso dever; — se agora as *Proezas de Richelieu* e outras mil similhantes proezas continuam a representar-se, d'ahi lavamos as nossas mãos: — se, representando-se, o theatro se-continua a encher, — se os Pais ahi levam filhas e filhos na idade ainda d'uma feliz innocencia, para que se-lhes-ensine ao vivo, e antes de tempo a metter debaixo dos pés todo o sentimento de honra, essas contas a Deos, á sociedade e ao porvir já as não daremos nós; — uma só cousa advertiremos por derradeiro ás Mãis, que ainda talvez o não saibam, e é, — que em quanto ellas assistem imprudentemente a taes espectaculos, muitas pessoas da platéa se-estão gosando de outro muito mais curioso, qual é o notar nos seus rostos, e nos das innocentes, commettidas á sua vigilancia, as impressões, que progressivamente lhes-vão produzindo os ditos, e feitos, demasiadamente bem representados, do devasso de *quinze annos*, do duque de *Richelieu*. São dois espectaculos ao mesmo tempo; ambos igualmente *moraes e edificantes*; mas o segundo, o de cá de fóra, para certa gente, ainda de muito mais proximo fructo, muito mais prático, muito mais agradavel do que o do palco.

Reprehender-nos-hão alguns prudentes pela sinceridade d'estas declarações; bem sabemos que, para animos altanados e perdidos, o dizer-se-lhes que é immoral a comedia é aguçar-lhes o gosto de a-irem vêr; mas nem esses nos-lêem, nem têem elles que perder. Escrevemos para os homens de bem, para as mulheres não perdidas, se a nossa penna podesse lavrar ordens, certamente que a não cançariamos em estender artigos.

Terminou-se a noite com o *Campo dos dezafios*, de que já em outro logar fallámos, curioso amphigouri dramatico, marchetado de linda musica: ou se antes quereis assim, linda opera em prósa embutida de bocadinhos de prósa resada. Tal está o theatro de *declamação*, o theatro *portuguez*, o theatro *normal*: a *norma* foram as *Proezas*, a *declamação portugueza* foi *musica franceza*. O subsidio ha-de ser requerido e ¿será pago?

Antonio Feliciano de Castilho.

THEATRO DO SALITRE.

Empreza de Gil Vicente.

367 Já fallámos neste Theatro, e sempre delle com gosto fallaremos, porque Portugueza é sua empreza, Portuguezes seus actores, e Portuguezes seus fins. Theatro em Portugal não o-ha, actores é tambem fazenda que pouco se-aprecia em nossa terra, e são elles tão poucos, tão imperfeitos, que apenas por ahi podemos estremar dois ou tres. É pois forçoso pôr peito a este trabalho, é forçoso, repetimol'o, animar os que principiam a trilhar esta senda escabrosa.

Temos sido constantes no Theatro do Salitre, e temos visto tirar partido do pouco ou nada que ahi havia. O *Peão Fidalgo* agradou-nos; era obra de *Moliere* e traducção do Capitão *Manoel de Sousa*. Satisfez-nos o desempenho, não individuaremos actores por não offender melindres; todos fizeram quanto podiam, e se alguns defeitos se-lhes-notaram, merecem desculpa porque são apenas entrados n'uma carreira que demanda tempo, estudo, pratica e bons mestres.

Bem haja, bem haja a Empreza de Gil Vicente, que não poupou cousa alguma para realçar a producção do eximio author do *Tartufo*. Vestuario rico, um baile mais que soffrivel, e coros de gosto aprimorado e assaz bem executados. O que nos-doe n'alma é vêr a minguada concorrencia; o publico deve por uma vez desenganar-se; as *insulsas desharmonias* podem lisongear os ouvidos dos que não entendem da musica, mas assim estragam o gosto; sejamos tambem amigos da declamação; protejamos o que é nosso, e tão nosso, e poderemos ter esperança de que a arte Dramatica não haja morrido em Portugal. A Empreza de *Gil Vicente* quer alevantar um edificio formosissimo; mas ha mister de materiaes, levemos-lhe nós mesmos o de que necessita para a sua obra, e veremos em breve com orgulho esse edificio erguido por nossos proprios braços, que na frente não terá mais que uma expressão curta no tamanho, mas immensa na significação — *Theatro Portuguez!* —

José Feliciano de Castilho.

HOMICIDIOS.

368 Tarefa triste nos-coube no relatar os acontecimentos extraordinarios que constituem a physionomia d'esta nossa Sociedade. Suppozemos, ao emprehender este trabalho, que ao passo que houvessemos de denunciar crimes, os-poderiamos tambem contrabalançar com virtudes, — que nem só roubos, violencias, homicidios constituiriam os fastos da nossa era, — que alguma acção de beneficencia, de amor de pa-

tria, de devoção viria matisar o quadro. Enganámo-nos.

De todos os pontos do Reino continuam a communicar-se-nos attentados, frequentemente tanto mais negros, quanto particulares circumstancias os-aggravam. ¿Será a sua publicação em nossas columnas resultado d'uma romantica preferencia, ou da reprehensivel ambição de alimentar essa depravada tendencia para as fortes sensações? não por certo: ardente fôra o nosso desejo de substituir notícias que comprimem, por outras que dilatem o coração; — a violencia pela beneficencia, — o hediondo pelo bello. — Com igual e maior empenho solicitamos estas, mas — ou porque a mão virtuosa timbra sempre em esconder-se, — ou porque a miude a acção boa se-torna tal pelas circumstancias que a-cercam, pelo impulso que a-dictou, — o certo é, que pela publicidade dada a um só acto de bondade se-póde naturalmente contar a publicidade dada a mil actos ferozes.

Alguem nos-aconselhou pois, que supprimissemos o espectaculo de tamanhas miserias como as de que rezam as columnas d'este Jornal, que evitassemos dar provas da gangrena que rala o nosso estado social; recusámos. De cada delicto verdadeiro temos nós que setirarão importantes lições, quando os medicos d'esta Sociedade a-tiverem bem conhecido no corpo são e doente. Alto e bom som clamaremos pelo remedio a males tamanhos, mas é necessario que esses males firam pela sua magnitude os olhos de quem, repousando-se em ignorante desleixo, os não enxerga ou desvia a vista. Os crimes são amiudados e feios — perpetrados geralmente pelas camadas infimas do povo — originados da immoralidade a que têem dado logar as consequencias exaggeradas dos salutares, mas não entendidos principios liberaes — aggravados pela irreligião arvorada em dogma politico — e encadeados todos na falta de instrucção, que não permitte discernir os limites do justo, e que depois de ultrapassados transforma o homem em fera que só de sangue e horrores se-apascenta.

Esperando que os nossos correspondentes nos-transmittam mais lisongeiras notícias, aqui transcrevemos algumas das que recebemos.

No 1.° do corrente, no sitio da *Atalaya*, achavam-se reunidos varios dos chamados *maltezes*, entre os quaes já tinha havido altercações motivadas por pequeninas rivalidades de officio; novamente se-debateram e com mais encarniçamento do que nunca, porque a rixa começára por copiosas libações; das palavras passaram logo ás injurias, das injurias ás facadas, e tal foi a que traspassou ao chamado *Joaquim Francisco* que no dia seguinte cessou de existir.

Sorte igual teve em a noite 2 do corrente seguinte, um pobre guardador d'ovelhas, no sitio do *Carregueiro*, a quem o caseiro d'uma quinta espancou tão brutalmente que nunca mais deu accôrdo de si; parece que fôra motivo de tão barbaro assassinio uma miseravel tentativa de furto n'um pomar da dita quinta.

No dia 3, no sitio do *Paúl de cima*, Concelho da *Ericeira*, um individuo a quem nenhuma circumstancia fazia crêr que tivesse inimigos, no momento em que mais desprevenido se-achava, recebeu um tiro d'espingarda, sentindo sómente a bala, sem que pudesse conhecer-se nem a direcção d'onde partíra, nem a mão que a-lançára.

Passamos em silencio algumas outras participações analogas, porém que nos-são tão vagamente contadas que não suppomos dever com ellas occupar o público.

J. F. de Castilho.

O INFANTECIDIO EM GONÇA.

369 Em o n.° 28 promettemos nós averiguar este successo, que se-nos-apresentava envolvido em capa *mysteriosa* — Eis-aqui o que nos-remette pessoa de toda a fé, que foi tomar o depoimento do proprio individuo violentado para baptisar a recem-nascida.

No dia 28 de Março p. p. pelas 9 horas da manhã, — *João Baptista* — do Logar da *Cruz do Requexo*, freguezia de *Travassos*, Julgado de Guimarães, indo para a freguezia de S. Lourenço de *Lande* do mesmo Julgado, no monte chamado as *Pelicias* ou *Foio*, limites da freguezia de *Souto*, proximo á de *Gonça*, em um atalho da estrada d'aquelle monte, vio um homem com uma arma caçadeira traçada no braço, que saíra d'entre uns penêdos e se-dirigia para elle, e a poucos passos de distancia lhe-disse — faça alto senão morre — Elle pára, julgando ser algum ladrão, pelo sitio ser proprio para o intento. Mas o homem armado lhe-pede por favor que o-acompanhe. *João Baptista* assusta-se, e lhe-responde que não é necessario ir com elle, sendo para lhe-tirar o que leva, por que alli mesmo lh'o dava. Não quero nada do que leva, quero que venha comigo, replica o aggressor — e depois d'alguma porfia o-obrigou a acompanha-lo. Caminham ambos para os penêdos d'onde o primeiro saíra. Chegam: entre elles... está uma mulher deitada, coberta com um capote azul: — um cão de fila grande com uma corrente de ferro ao pescoço — mais distante uma cavalgadura aparelhada, e sobre o albardão uma pelle branca. Chegados que foram disse o *conductor ao conduzido* — que lhe-havia de baptisar uma creança: — e logo foi buscar agoa que alli havia perto, na copa do *seu* chapeo, e voltando, mandou-lhe que tirasse a creança que estava debaixo do capote, — e pegando *João Baptista*, diz que vira ser uma menina muito pequenina nascida ha pouco, apesar de não ver vestigio algum de ter sido alli o seu nascimento. Que então lhedissera o *desconhecido* — baptise essa creança e ponha-lhe o nome de Joaquina; a tudo satisfez: acabado o acto, disse-lhe *João Baptista*, que de boa vontade levaria a creança e a-daria a criar, mas o outro lherespondeu que não, *que havia d'alli acabar o seu mundo, e que escusava de andar a passar fados*. Ditas estas palavras, toma-lhe a menima, lança-a ao cão de fila, que estava proximo a elle: *João Baptista* diz que vira a creança na boca do cão, mas que não pode affirmar se elle a-tragou, *porem crê que sim*. Que elle continuára logo a sua jornada apesar de muito assustado; que voltando, das duas para as 3 da tarde, e chegando proximo á Igreja de *Gonça*, com tenção de ir participar ao Abbade o succedido, *sómente* para saber se aquella alma ficára christã, do que estava em duvida, o Abbade lhe-respondeu que sim. Que apparecendo alli o Regedor da freguezia lhe-contara o caso, o qual logo mandara reunir os seus Cabos, e com elles e mais o mesmo *João Baptista* — foram ao sitio do acontecido, já proximo á noite quando lá chegaram, e nada encontraram, nem vestigio nenhum do successo, e só trilho de alli ter estado *gente*.

E conclue dizendo que as Authoridades foram logo

sabedoras do facto, que mandaram fazer as inquirições do costume e que até hoje se não deu com o malfeitor.

PINHAL DA AZAMBUJA.

370 Caminhavam sosinhos de Aveiro, sua terra, para Lisboa, logar de sua residencia ha annos, *Francisco Rodrigues*, e *Maria Roque*, sua mulher: — elle cego e idoso, ella fraca, indefesa, e pejada: — todos os seus haveres se limitavam a uma pouca de roupa, que o velho trazia ás costas em um alforge, e n'uma cinta á raiz da carne tres moedas, fructo da venda de uma courella, derradeiro bem de que se-acabava de desapossar.

A 22 do mez passado ao meio dia atravessando o *pinhal da Azambuja*, saem-lhes tres homens, mal encarados; detêem-nos; de quanto lhes-acham, só lhes-deixam a parte do vestido, que por gasta e rôta nenhuma conveniencia lhes-podia fazer; e largam-nos, recommendando-lhes, que nem gritem nem chorem alto se-desejam conservar a sua miseravel existencia.

No mesmo *Pinhal* contam estes dous infelizes, a quem fallámos, que oito dias antes se-encontrára amarrado a uma arvore, e com mordaça na boca, um homem inteiramente roubado, e já nas ultimas: e não havia muito, segundo depois lhes-affirmaram, que no mesmo sitio tinham sido assaltados e despojados por uma quadrilha, uns vinte e tantos passageiros, que junctos procediam para esta cidade.

OUTRA TENTATIVA DE SUICIDIO.

371 No dia 10 do corrente, ás 6 e meia da tarde, na Rua da Cruz de Santa Elena, a S. Vicente de Fóra, se-precipitou d'um segundo andar uma rapariga de 18 annos, ficou da queda muito mal tratada, principalmente n'um braço, e na cabeça por onde os fragmentos do pente se-enterraram. Ignora-se o que a determinasse áquelle acto de criminosa insania.

MAIS TENTATIVA DE SUICIDIO.

372 Ás 7 horas da tarde, do dia 5 deste mez, precipitou-se, do muro, que diz para o caracol da Graça, e pertence á cerca do quartel d'Infanteria 10, um furriel do mesmo batalhão. — Houvesse ou não, antecedencias entre elle e um sargento do seu corpo, o certo é que nesse dia se-travaram de razões, pelo que o sargento lhe deu voz de prizão: e que o furriel, depois de se-recolher prezo para o quartel, não fez mais, do que mudar as calças brancas, que trazia, por outras escuras, e caminhar á morte. Já estava sobre o muro, quando um seu camarada o avista, corre, e chega a tempo..... não de o salvar, que, mal consegue lançar-lhe os braços, já elle se-precipitou, exclamando — *deixem-me* — *quero morrer*. Deitava sangue pelos ouvidos, quando o levaram para o hospital, onde se-conserva, porém com pouca esperança de vida. — A mania do suicidio vai-se derramando com profusão pela classe militar: outro dia um cabo de 16, hoje um furriel de 10, ámanhã deve naturalmente passar d'ahi até general. — Notamos tambem que a mania está mais desenvolvida entre os infantes, — as armas scientificas parecem por ora extranhas a ella.

UM PHANTASMA.

373 Triste é o sair do mundo, porém mais triste o voltar a elle; é vir ser objecto de terror e horror a conhecidos e desconhecidos, a inimigos, e até aos de quem mais se-foi, e se-deveu ser amado: — eis-aqui o porquê d'entre tantos, que deixam a vida, tão poucos reapparecem, e nenhum delles sem fortissima razão. Para provar esta derradeira clausula, ahi estão quantas historias de phantasmas andam armazenadas pelas memorias das velhas de todas as terras grandes e pequenas, sendo muito para notar — que d'entre quantos motivos imaginaveis — poderam obrigar espiritos a tornar cá, sempre o mais commum tem sido o dinheiro: — aqui vinha caindo uma dissertação sobre a omnipotencia do dinheiro, a qual eu por muitas razões não quero hoje fazer: deixemos o nosso dinheiro lá onde jaz, e não tornemos a fallar delle, que por ser defunto que não ha de cá voltar, não tem que fazer com a nossa historia.

Ora pela nossa historia, que não será longa, ides ver que ainda apparecem *defunctos*; e bem como antigamente, obrigados, não por conjuros de feiticeiras, mas pela magía do dinheiro.

Havia dois dias, que o prior de Marvão, fallecido entre risadas aos pés da forca, e *Mattos Lobo*, laboriosamente estrangulado no alto della, jaziam, o primeiro no Cemiterio de S. João, o segundo sobre a meza phrenologica do Hospital de S. José: era chegada a hora da meia noite de 16 para 17 de Abril; não havia lua; as estrellas estavam quasi todas empanadas de um véu orvalhoso; as ruas desertas; os solitarios lampiões desconfiados; as sentinellas aborridas. Se havia alegrias deviam ellas de estar pelas cazas fechadas hermeticamente. Alguns passos que de longe em longe resoavam pelas calçadas, acordavam os impacientes ladridos dos cães, que então pareciam os unicos senhores da cidade desamparada; esses passos distantes e apressados affirmarieis que os não guiava, nem o amor nem a amisade, nem o prazer, nem coisa alguma das que enfeitiçam a vida, mas que iam á porta ou do boticario, ou do medico, ou da parteira, ou do prior, implorar soccorro; em summa que era uma daquellas noites aziagas, que moem a alma, como á esperançosa flôr das vinhas o-fazem os nevoeiros; e em que, de qualquer objecto com que se-encare, a natureza, (para me servir da expressão de um poeta) nos caretêa uma fealdade; nestas horas que todos nós os filhos de Adão havemos amargado, o mundo se nos desfigura como um grande panno de Arrás visto pelo avesso; o desenho geral lá está, mas as côres, a graça e a vida desappareceram: as raias entre o sêr e o nada, entre a existencia e a morte, como que se-apagam; o scepticismo côa parte do seu gelo pela razão; o demonio do suicidio baila perante os olhos da vontade como um trasgo ao luar; e as cancellas que separam este do outro mundo parecem arrombadas, e por ellas franca a passagem assim para ir como para vir. — Foi pois em tal noite e hora; — á hora duodecima quando os gallos, como ermitães em costas de serra, ou como os pensamentos dos namorados, se-provocam, e se-respondem; — que passavam pelo *Caes do Tojo* da *Boa Vista*, logar do patibulo, dois algarves, um rapaz e um velho; tinham seroado n'uma taberna da Alfama, e recolhiam-se

a pernoitar no seu barco, um dos muitos que negrejavam enfileirados contra a praia (é ideal aquelle viver, aquelle velar e dormir de um barqueiro; — havemos de fazer delle um dia um conto phantastico á moda de *Hoffmann*). Chegados perto d'onde a forca fôra substituida por uma alta e escarpada méda de pinho, não poderam abster-se de alçar os olhos para aquelle gigante vegetal, fadado a sustentar com pão cosido as turbas, ahi posto no proprio sitio, em que tres madeiros seus parentes, haviam dado ás mesmas turbas o pasto de carne humana. *Panem et circenses!* não o-disseram elles, mas talvez pensaram alguma coisa similhante (porque ninguem adivinha, o que Deus póde pôr de pensamento em cada cabeça) quando, d'entre o negro das ramas, no cimo da méda viram dispontar e crescer um *phantasma branco* de mui descompassada altura; benzem-se, esconjuram-se, e procurando baldadamente arrancar da voz — para da parte de Deus lhe-requererem quem seja, e a que venha — a visão lhes-acena imperiosamente que se-aproximem; — vendo que o terror os-detinha immoveis, alça um longo braço contra o Céu, como quem para os-render attesta poderío, e começa a descer com passo cheio e firme do seu escuro throno para encontral-os; o pavor que lh'as-tolhêra lhes-desata as forças para fugir; e fugindo, e gritando, cada um para sua parte, desapparecem; deixam ao *spectro* senhorear sósinho o seu campo, d'onde áquelle subito alarido duas ou tres pessoas mais, que por ahi perto, á mesma hora, passavam, arrebataram igualmente a fuga para espalharem depois com suas relações por entre o povo esta noticia, correcta e augmentada, segundo o estylo.

Por mil modos incompativeis nos-tem ella já vindo ao conhecimento: — segundo uns, o *phantasma* era o *prior de Marvão* e estava ajoelhado de mãos postas e cabeça baixa; segundo outros era o *padecente* que volteava n'uma imagem de forca com grandes movimentos, como affrontado sob o peso de um carrasco invisivel: qual affirma que os olhos da sombra resplandeciam como brazas, e um grande circulo de fogo azul a-abrangia; qual teima que estava mettida em um nicho ou brutesco de nuvem negra; este, encarece o dolorido e affogado de seus gemidos, aquelle, o profundo do seu silencio. — Narrar os delirios da plebe credula é escrever um capitulo da historia, e um capitulo precioso. Do que temos dito nenhuma outra satisfação daremos aos citadores do *Citador;* e aos philosophos do *Diccionario philosophico.*

¿Mas quem era em realidade e a que vinha alli aquella *phantasma?* — Era, segundo se-crê, não sem verosimilhança, algum contrabandista; e só tinha por fim despejar dos *guardas da Alfandega* aquella praia; — não para orar ou pedir suffragios, — mas para nos-regalar ao outro dia com alguns *arrateis de rapé bom por um preço inferior ao de 1$040 reis.*

Antonio Feliciano de Castilho.

CONTINUAÇÃO DO ENIGMA PARA ANTIQUARIOS.

Vide pag. 374.

374 Prosegue a escavação em S. Roque sendo objecto da curiosidade e visitas de muitas pessoas: todas ellas, umas pelo proprio testemunho de seus olhos, outras, pela relação que os trabalhadores lhes-têem feito, conhecem já a escrupulosa verdade, com que nesta parte vamos historiando. Hoje, Terça feira, pelas onze horas da manhã, por debaixo do alicerce da frontaria da caza destruida, isto é, uns treze para quatorze palmos abaixo do nivel actual da rua; appareceram duas sepulturas abertas em terreno virgem, cada uma com tres palmos de largura, e oito de comprimento: em cada uma destas sepulturas, havia, ao de cima, obra de tres cestos de cal em pó, assente, humida, facil de desfazer, posta como de ha pouco, e ainda em estado de servir: n'uma, jazia um esqueleto mui gasto e um boião: na outra um esqueleto, segundo parece, de mulher, com todos os dentes mui inteiros e alvos, e com elle um panellão de barro. Do calçado e vestido d'ambos estes individuos nada se-póde dizer nem presumir porque os fragmentos, que apparecem, ao minimo toque se-desfazem: em cada uma destas covas havia de mais alguns poucos vasos, uns de louça, outros de vidro; uma especie de covilhête de barro vidrado e pintado, uma como bacia funda, uma tigella ou malga, um prato, que parece da India, mas grosseiro, um copo de calix de vidro, mui tenue e leve, e com o pé vasado: ¿Não deixarão estas particularidades presuppôr alguma costumeira hoje abolida? Povos ha gentios por essa Africa, onde com o morto se-dão á sepultura os utensís de caça e de comida, de que em vida se-servia. Possivel é tambem, e até mais verosimil, que fossem aquellas sepulturas de apestados ou gente morta d'alguma outra enfermidade, cujo contagio se-temesse, e que assim enterrassem juntamente com o cadaver a sua louça. Esta presumpção adquire alguma força, quando se-adverte, em que assim na panella como no boião se-acharam restos de um pó negro, que não era terra, e que se o houvessem aproveitado para o submetter a uma analyse chimica, talvez se-conhecesse que poderia ter sido destinado a combater a infecção. Para confirmar o que dizemos, não é fóra de proposito um resumo do que ácerca deste Largo, onde se fundou a Ermida (depois Igreja) de S. Roque, escreveu o *Padre Telles* na sua Chronica da Companhia de Jesu.

— « O sitio que se escolheu foi um monte que está fóra das portas da cidade, e cae para a parte d'Oeste; estava naquelle tempo todo coroado de formosas oliveiras. . . . Neste grande campo havia um logar mais junto á porta da cidade (que hoje chamamos a porta de S. Roque) no qual estava o adro e cemiterio, em que se-enterravam os que morriam de peste: era o logar, por este respeito temeroso, porque a contagião da peste ainda em caveiras seccas, e em ossos mirrados se-conserva como aqui mesmo succedeu com uma trabalhosa experiencia; porque abrindo-se os alicerces para umas mui nobres casas, que alli fundou em nossos dias D. *Henrique de Noronha*, bem defronte da portaria de S. Roque, se-acharam os ossos de um corpo morto; e subitamente se-pegou uma febre maligna nos officiaes da obra, que em breve morreram; e o mesmo mal abrangeo ao fidalgo, que fazia as casas, o qual posto que por então escapou da malignidade da febre que lhe-deu, sempre ficou sujeito a grandes achaques, com os quaes finalmente acabou: e acho por mui bem fundado o discurso, dos que ajuisavam, que aquelles ossos eram d'algum empestado, nos quaes depois da morte ainda vivia tão perigosa contagião. » —

Antonio Feliciano de Castilho.

FENOMENOS NOTAVEIS ACONTECIDOS NO MEZ D'ABRIL.

375 Nos antecedentes numeros d'este Jornal se-acham descriptos os principaes fenomenos que tiveram lugar neste reino, no decurso do mez findo, e por is-

so nos-limitaremos a transcrever os que chegaram ao nosso conhecimento acontecidos em outros paizes.

Os frios excessivos, geadas e chuvas de neve, acompanhadas de impetuosos ventos do norte e noroeste, foram quasi geraes na França, Espanha e Portugal, causando grandes prejuizos ás arvores, e ás plantas temporãs. No dia 4 se-sentiu em Pariz um frio vivissimo que fez descer o termometro uns poucos de gráos abaixo do zero, e gelou a agua em todos os tanques. Neste mesmo dia cahiu copiosa neve em Madrid. — Os impetuosos ventos do septentrião, que sopraram nos primeiros dias deste mez sobre as costas da Africa no mediterraneo, e especialmente no litoral de Oran, causaram o naufragio de 40 embarcações. — Na noute de 9 para 10 foi sentido um violento tremor de terra no territorio de Algeria. — Em Clermont, na França, ainda no dia 12 cahiu grande quantidade de neve, e em Bordeos o frio crestou a maior parte das vinhas. — Em Genebra na noite de 15 para 16 desceu o termometro 4.° R, abaixo do zero, que fez gelar a agua com avultada grossura em todos os tanques e reservatorios. A violencia dos ventos do norte tem sido excessiva e prolongada em todas as montanhas da Suissa, e do Jura, causando consideraveis prejuizos aos bosques, chegando a sua violencia a lançar por terra muitos viajantes que por ellas transitavam. Os dias 14 e 15, e principalmente 16, foram fataes aos campos da Galliza pelo excessivo frio, força do vento, geadas, e copiosa chuva de saraiva, que queimaram uma grande parte das sementeiras, crestando os arrebentos e folhas das arvores e videiras, não escapando os mesmos carvalhos. — A seca prolongada de Março, que continuou ainda alguns dias do mez de Abril, ameaçou grande esterilidade no visinho reino de Hespanha principalmente nas provincias de Murcia e Andaluzia, chegando até a haver grande escacez de agua potavel na cidade de Cadiz; porém as chuvas que appareceram no dia 6, remediaram o mal em grande parte, ainda que contrariado o seu benefico effeito pelo rigor dos frios e máos effeitos do granizo.

Destes factos se-collige que uma enorme columna de ar impelida nos fins de Março, com grande violencia, desde as remotas e geladas regiões do pólo boreal, contra o lado occidental da Europa, percorreu successivamente esta parte do nosso continente, resfriando a sua atmosfera e dando origem aos fenomenos que presenciamos, invadindo no progresso da sua marcha as costas septentrionaes da Africa, e escorregando ao longo da Europa central, pois não consta que os insolitos rigores de Abril se-manifestassem na Allemanha, Italia, ou na Russia, em cujo vasto imperio parece ter sido mui benigno o inverno deste anno.

Segundo as averiguações estatisticas a que procedemos, relativamente á mortandade em Lisboa, parece-nos que a intemperie de Abril nada alterou o curso ordinario da inflexivel lei com que a natureza anniquilla periodicamente a nossa especie. Segundo os mappas dos obitos acontecidos nesta cidade nos annos de 1839, 40, e 41, excluindo o bairro de Belem e as freguezias *extra-muros*, consta que a mortalidade média annual fora de 6144 individuos, dos quaes 3248 pertenceram ao sexo masculino, e 2896 ao feminino, o que estabelece a relação dos finados de um ao outro sexo na rasão de quasi 53 a 47. Igualmente se-deduz daquelles mappas, que o numero dos menores equivale a um terço do total; porém esta classificação é vaga pois que não fixa as idades que se-comprehendem debaixo de tal designação. — Segue-se pois que a mortalidade mensal é de 512 individuos: ora pelos mappas que consultamos existentes na Camara Municipal, consta que no mez de Abril foram sepultados nos cemiterios de S. João e Prazeres, 516 cadaveres, sendo maiores 335, e menores 181, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 289, e ao feminino 227, do que se-conclue não ter havido alteração devida ás intemperies do mez.

Noticias agronomicas — Covilhã. — Em 14 de Abril nevou alli; as geadas têem sido continuadas, queimando as vinhas, e as arvores de fructa. Em Cantanhede e na Bairrada se-experimentavam a 7 do mez, as mesmas intemperies, não cessando as geadas de causar graves prejuizos nos campos.

De Mafra se-nos-participa que os fortes ventos, granizos, e copiosas chuvas de Abril prejudicaram notavelmente a florescencia das arvores e plantas, desenvolvendo tambem a mella nos favaes: os centeios, e outros cereaes já semeados, foram atacados de morilhão, e demoradas as sementeiras do milho, feijão, grãos de bico, etc. Cahiu muita laranja nos pomares pouco abrigados, mas nem por isso deixam ainda de ostentar bastante flor nos sitios mais abrigados. Os damasqueiros e pecegueiros mostram pouco fruto, e as cearas de trigo e cevada crearam muito herva, e por isso se-fez necessaria a dispendiosa operação da monda. As oliveiras têem poucas cadeias, cançadas talvez da fertilidade do anno passado, e da cruel fustigação da apanha. *M. M. Franzini.*

---

376 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 4 ATÉ 10 MAIO 1842.

Dias do mez	Termometro exterior Min.°	Termometro exterior Max.°	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
4	51	69	763,0	762,0		N	Claro; sol quente: frescas as madrugadas e noites.
5	54	64	762,0	761,5		$^{1}N^{2}$	Id. — fresco e secco.
6	54	67	763,0	761,5		SO N^{1}	Cob. até ás 10 h. — Cl.° — Id.
7	56	72	761,0	760,0		^{1}N	Id. até ás 8 h. — Id. — Sol quente. — Tarde fresca.
8	54	68	758,3	757,5		$^{3}N^{4}$	Claro; vento tempestuoso, e ar muito secco.
9	51	67	758,0	757,5		$^{3}N^{1}$	Cob.° de nuvens diafanas; sol descorado.
10	56	74	758,3	757,1		B SO	Cob.° — Cl.° e nuvens — tepido.

Continuou a influencia da 1.ª quadra do mez até 7 do corrente com a temperatura fresca, ceo ora claro, ora nublado, ar um pouco humido e ventos do norte, e noroeste; porém naquelle dia baixou alguma cousa o barometro, e no seguinte se desenvolveu um vento tempestuoso do norte, que muito seccou o ar e o resfriou, cuja tempestade sómente abrandou na tarde do dia immediato. *M. M. Franzini.*

Na Imprensa Nacional.